

# A CRÉIA, ELEGANTE OU DESELEGANTE, A PARTIR DOS PROGYMNASMATA, EM RELAÇÃO AO NOVO TESTAMENTO

*Archibald Mulford Woodruff\**

## **Abstract**

*Elementary rhetorical manuals in the Greco-Roman world, called **progymnasmata**, provided for school exercises based on the **chreia** (**khreía**). These manuals have been studied recently by New Testament scholars, who have been interested in the **chreia** for some time. The study of the **progymnasmata** has influenced New Testament studies in several ways. One is the set of techniques for expanding a **creia**, which can be compared with techniques used by Gospel writers. Another is the documentation of exercises in the shortening of **creias**; if Gospel writers may shorten as well as expand their material, there must be some changes of method in Synoptic studies. Two other possible points of contact have received less attention. One is the existence of a very simple type of **chreia** (apophantic **chreia**), which may be present in the Q Source. The other is the question of the social setting. We have barely begun to ask where anyone who had contact with Jesus or with Jesus traditions could have become acquainted with the **chreia**.*

A **créia** (**khreía**), um assunto pouco nobre dentro da retórica greco-romana, tem atraído a atenção de intérpretes do Novo Testamento durante muito tempo, resultando na publicação em 1986 do relevante material que se encontra nos **progymnasmata** ou manuais básicos de retórica, disponibilizando material só existente em edições do século XIX ou do início do século XX. Uma **créia** é uma anedota curta, em que um personagem de destaque age e/ou fala em uma maneira memorável; ela deve ser mais

---

\* Professor Doutor da UMESP / Curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião.  
E-mail: linnis@uol.com.br

curta que uma (outra) **apomnemoneuma** e mais concreta que uma máxima (**gnome**). A obra **As Vidas dos Filósofos**, de Diógenes Laércio, está repleta de créias. O interesse que a créia tem para o estudo do Novo Testamento é óbvio, pois os evangelhos, especialmente os evangelhos sinóticos, são repletos de anedotas que, há tempos, foram comparadas com anedotas gregas. Que a créia está em alto entre pesquisadores do Novo Testamento está manifesto no pronunciamento de Klaus Berger: “Aí trata-se realmente de material de construção do gênero *evangelho*” (BERGER 1998: 85). O presente artigo é uma espécie de carta de um intérprete do Novo Testamento aos historiadores que se interessam pelos aspectos menos prestigiados de culturas antigas.

### **A Créia e o Novo Testamento I: a crítica das formas.**

Dentro do campo de Novo Testamento, este estudo remonta ao início da crítica de formas. Martin Dibelius identificou um grupo de pequenas unidades (“perícopes”) nos evangelhos sinóticos que juntavam uma fala de Jesus (ou outra personagem) com uma ação ou com uma situação. Estas unidades ele chamou de **paradigmas**, entendendo que o texto aproveita do conjunto como “aplicação” da coisa falada, em função da “pregação” da igreja primitiva (DIBELIUS 1984:45-73). O brasileiro B.P. Bittencourt adotou a mesma terminologia de Dibelius (BITTENCOURT 1969: 31-43). Bultmann, voltado para a “comunidade” e não para a “pregação”, chamou um grupo destas perícopes de **apoftegmas**, entendendo que se trata de uma junção de uma fala mais antiga (muitas vezes uma máxima) e uma narrativa mais tardia (BULTMANN 1963:11-69). Ao decorrer do tempo, os apoftegmas de Bultmann eram muito referidos como “histórias de pronunciamento” (**pronouncement stories**), e nos últimos anos o termo **créia** passou a predominar nas discussões.

### **A Créia e o Novo Testamento II: mutirão de pesquisa.**

O assunto tomou fôlego em 1980 com a publicação de número 20 da revista **Semeia**, em que vários autores procuraram a **pronouncement story** num determinado corpo de literatura, um nos escritos rabínicos, um em Filo e Flávio Josefo, um nos Pseudepígrafos, etc. Os resultados surpreenderam (PORTON 1981; GREENSPOON 1981; VANDERKAM 1981). Tirando os evangelhos, a **pronouncement story** mal aparece em literatura judaica dos

tempos em consideração. Uma antiga proposta de Bultmann de encontrar na literatura rabínica o modelo para as histórias de controvérsia nos evangelhos foi refutado por Porton.<sup>1</sup> Greenspoon encontrou poucas **pronouncement stories** em Filo e em Flávio Josefo, e estas poucas não eram voltadas para heróis judaicos. Vanderkam encontrou poucas nos Pseudepígrafos, com exceções no **Testamento de Jó** e a **História de Ahicar**.

### **A Créia e o Novo Testamento III: o trabalho com *progymnasmata*.**

Depois da publicação de **Semeia** 20, o estudo do assunto disparou, especialmente entre pessoas que escrevem para a revista **Semeia** ou que são associados com a Claremont University na Califórnia. Agora o termo **créia** veio para ficar. Catherine Hezser, em Berlim, também vasculhou o assunto (HESZER 1996). Um avanço importante (ou pulo quântico) foi a publicação de uma coletânea dos trechos relevantes que são encontrados nos **progymnasmata** (HOCK e O'NEILL 1986). Os **progymnasmata** são manuais básicos de retórica, contendo exercícios a serem usados nas escolas, e eles nos interessam por causa dos exercícios que eram organizados em torno da créia. A maioria destes manuais está disponível em velhas edições Teubner, e **Teão** (Aelius Theon, de Alexandria; "Teão, o sofista") existe em edições alemãs de 1832 e 1854. Portanto, a coletânea de 1986 realmente disponibiliza material que seria de acesso difícil. O que a coletânea publica são pequenos trechos de obras maiores, sempre em grego ou latim com tradução para inglês, introdução científica e fartas anotações, sempre em debate com os outros poucos estudiosos que têm tratado os autores em pauta.

O segundo dos autores tratados é o famoso **Quintilião** (Marcus Fabius Quintilianus), floresceu em Roma durante o primeiro século. No volume de Hock e O'Neill, O'Neill fornece uma edição crítica de **Instituciones oratoriae**, 1.9.1-1.10.1 (p.146-148) com anotações (p.151) e uma introdução (p.115-143). Quintilião não gosta muito da créia e faz menção dela só de passagem, junto à **fábula**, à **etiologia** e ao **chreïodes**, que é uma espécie de créia de segunda categoria. Ele despreza "**narratiúnculas**" abertamente, dizendo que elas devem ser lidas pela informação que elas têm e não por causa da eloquência. A créia deve estar entre as **narratiúnculas**. O pouco caso que Quintilião faz com a créia resulta num texto em que os detalhes não estão claros para o leitor moderno, e O'Neill se esforça muito (exatamente

porque Quintilião não se esforçou) para tirar a última gota de informação detalhada, para compará-la com os outros autores de **progymnasmata**. Tal comparação confirma que Quintilião e Teão estão, de verdade, escrevendo sobre o mesmo assunto. Outro fruto desta comparação é que Quintilião confirma Teão sobre a existência da **créia apofântica**, mais ou menos na forma. “Fulano costumava dizer...”. A **créia apofântica** vai nos interessar por causa de sua aparência em Fonte Q<sup>2</sup> (WOODRUFF 2002) e porque intérpretes do Novo Testamento têm uma tendência de ignorá-la. Ainda mais interessante é a perspectiva que Quintilião oferece sobre o lugar social da **créia**: na escola, e para alunos pouco avançados. O assunto (ou pelo menos assuntos afins) para ele, é tratado no fim do curso de “gramática” e retomado no início do curso de retórica, mas recebe um excesso de atenção por parte dos professores romanos de retórica.

**Teão** vai exemplificar justamente as práticas que Quintilião condena, e a Teão nós voltamos a nossa atenção agora. Hock e O’Neill publicam seu capítulo **Peri khreias** em grego com tradução (p. 82-107). O texto grego que eles publicam é um novo texto de James Butts, em forma provisória (explicação na p.74), e a introdução e as anotações são extensivas (p. 51-79, 109-112). Teão é uma figura escura, mas Hock e O’Neill o consideram um estóico que florescia em Alexandria durante o primeiro século da Era Comum. O **Progymnasmata** dele seria o primeiro manual deste tipo (Hock e O’Neill 1986: 64-65).

Teão trata de distinguir a **créia** da máxima (**gnome**) e da memória (**apomnemeuma**) (p.82). Para Teão, a **créia** merece seu nome porque *a créia é útil* (p.82). Teão não explicita o lugar onde a anedota é útil, mas o leitor imagina que seja ou na escola mesmo, fazendo os exercícios, ou nos contextos em que a eloquência tem utilidade (assembléias políticas?). Considerando o nível dos exercícios, é verossímil que a utilidade seja na escola mesmo.

Conforme o capítulo de Teão, uma **créia** pode relatar uma palavra (**logos**), uma ação, ou misturar as duas coisas (p.84). A **créia** com palavra interessa mais. Ela pode ser simples (**apofântica**) ou responsiva. Tipicamente uma **créia apofântica** assume a forma: “Fulano costumava dizer...” Numa **créia responsiva**, o personagem pode responder a uma pergunta que chama por um Sim ou Não, a uma indagação mais complexa, a uma pedida de explicação, ou a uma provocação que foge desta classificação (p.84-86). Teão admite a existência da “**créia dupla**”, em que dois personagens estão caracterizados, cada um por uma fala dele (p.86) e da “**créia mista**” em que uma ação confirma a fala

(p.88). Teão fornece uma ampla classificação de créias de acordo com uma tipologia de falas: máxima, explicação, silogismo, etc (p.88-92).

Após a classificação, Teão passa para a questão de exercícios: exercita-se (**gymnazetai**) com créias em oito maneiras (p.94). Com isso, chegamos ao miolo do assunto, e passamos a ter uma idéia do nível básico do assunto. A primeira etapa é a simples declamação de um texto decorado (**apangelia**, p.94). A segunda etapa, chamada “inflexão” (**klisis**), é mais obviamente rudimentar. A créia decorada vai ser repetida no singular, no dual e no plural; ela vai ser repetida com os substantivos principais no caso genitivo, no dativo, no acusativo, no vocativo (p.94-98). Por exemplo, uma créia no dativo seria como “Grande honra foi dado a Fulano, que...”. Um exemplo no vocativo seria: “Mui sábio és tu, Ó Fulano, que...” Com a maioria dos verbos assumindo a forma de particípio aoristo, haverá muitas formas a concordar com o sujeito que está no caso a ser exercitado. Neste momento, é a agilidade com a própria língua que está sendo treinado, e não a eloquência. As terceira e quarta etapas são de recitar a créia comentando, de passagem, em termos convencionais de aprovação ou reprovação (**epiphonein**, p.98-100; **antilegein**, p.100). As quinta e sexta etapas são de expandir e enxugar créias (p.100-102). A crítica do personagem principal da créia já foi incluída na quarta etapa. Mas uma sétima etapa é de refutar (**anaskeuazein**) a própria créia por causa de sua incoerência, e as possíveis incoerências são também classificadas (p.102-104). Uma oitava etapa, menos clara, deve ser a confirmação da créia com argumentos (p.106).

Teão e Quintilião juntos apresentam um quadro coerente. No primeiro século, que é o século do Novo Testamento, a créia figurava pesadamente em escolas, não somente nas escolas de eloquência mas também na última fase das primeiras letras. Os exercícios feitos com a créia eram exercícios muito básicos. A expansão de créias não era necessariamente muito em pauta. A qualidade do produto pode deixar a desejar.

Os outros autores incluídos na coletânea de Hock e O’Neill são de desde o segundo até o quinto século, e todos se interessam pela expansão da créia. A obra atribuída a **Hermógenes de Tarso** (texto e tradução, p.173-177; introdução, p.153-171; anotações, p.179-181), do segundo século, mas atestado no quinto século, tem um outro esquema, totalmente voltado para a expansão (**ergasia**) de créias (p.176, l.31). Neste esquema, a créia não é mais decorada textualmente mas parafraseada, precedida por um encômio, e seguida por uma explicação (**aitia**) e seguida por cinco etapas mais ainda:

justificativa a partir do oposto, de analogia (**parabolé**), e de exemplo, citação de autoridades e uma exortação. No quinto século, quando outros autores mencionam Hermógenes, **Priscião** (Priscianus Caesariensis) traduziu Hermógenes para latim, com modificações, que foi divulgado como obra dele próprio, durante séculos (texto e tradução, p. 193-197; introdução, p. 183-191; anotações, p. 199-207). **Aftônio de Antioquia** (Aphthonius), do quarto século, é o suposto autor de uns exercícios explícitos que combinam com o esquema de Hermógenes (texto grego e tradução, p. 223-229; introdução, p. 209-222; anotações, p. 231-234), que ficou famoso. Assim como Hermógenes, ele tem a **ergasía** como exercício único. O último a escrever **progymnasmata** foi **Nicolas de Mira** (Myra), se a identificação for certa, do quinto século (texto grego com tradução, p. 251-265; introdução, p. 235-249; anotações, p. 267-269). Nicolas, basicamente, tem o mesmo esquema de Hermógenes, mas com variações na terminologia. **Ergasía** torna-se **diairesis** (p. 244). Também, o exercício de contar a créia em todos os casos do subjuntivo está de volta.

Todos estes autores enfatizam a **ergasía** ou elaboração da créia, e o mais antigo deles é do segundo século, um pouco tarde para serem influências sobre a formação do Novo Testamento. Este fato não tem impedido intérpretes do Novo Testamento de aproveitar do conceito. A tentação é clara: na comparação entre evangelhos sinóticos, um evangelista expande a créia de outro evangelista em maneiras que podem ser comparadas com os exercícios dos **progymnasmata**. Porém, o problema de anacronismo tem que ser enfrentado, e não pela primeira vez na história dos estudos do Novo Testamento, que já enfrentou o mesmo problema com o Talmud e com “gnosticismo”. Um texto explicitando a **ergasía** em questão foi reconhecido no quinto século como de um autor do segundo século, e se trata de usar este texto, junto com outros textos ainda mais novos, para explicar textos do primeiro século. Que nos leva a crer que a **ergasía** de Hermógenes, que nasceu no ano 161 (p. 155), é mais antiga que ele? Podemos observar que Hermógenes mencionou “os antigos” (p. 174 l.28), embora sobre um outro assunto. Que a tradição de Hermógenes é, mesmo, antigo, é defendido na introdução de Mack e O’Neill, que citam S.F. Bonner (p. 162, 171). Teão pelo menos menciona a expansão (p. 100, l. 309-312). (Ver também p. 159). A questão carece de resolução.

Hermógenes, do segundo século, escreve sobre a créia<sup>3</sup> com uma referência aos “antigos” (*hoi palaioi*, p. 174), mostrando consciência de pertencer a uma tradição já antiga.

Por último, Hock e O'Neill apresentam um texto que não é possível atribuir a um autor, mas que se encontra em Codex Vaticanus 5216 (HOCK e O'NEILL 1986:273). O autor chama-se, por falta de opção melhor, **O gramático do Vaticano** (The Vatican Grammarian) (texto latino e tradução, p.289-291; introdução, p.271-287; anotações, p.289). O texto não passa de uma classificação de créias.

Em 1989, o estudo da créia recebeu mais um impulso com a publicação de uma coletânea de 1.505 créias (ROBBINS 1989b).

No mesmo ano a divulgação dos **progymnasmata** como instrumental para o estudo do Novo Testamento começou com uma introdução geral (ROBBINS 1989a) e um artigo explicitando um texto evangélico à luz dos **progymnasmata** e, em especial, da **ergasia**. (MACK 1989). Alguns anos depois, um outro estudo de **ergasia** de créias nos evangelhos foi publicado por Catherine HEZSER (HEZSER 1996: 398-403) no contexto de um estudo bem mais amplo da créia em literatura dos evangelhos, dos rabinos, e dos anacoretas.

## Questões Oriundas da Pesquisa.

Biblistas pertencem a uma disciplina histórica mas trabalham principalmente com textos. Por isso, um diálogo com historiadores sobre a apreciação da influência dos **progymnasmata** é mais que oportuno. Várias questões surgem.

1. Na verdade, a literatura dos **progymnasmata** nos apresenta duas vertentes distintas: o eixo Teão - Quintilião, do mesmo século do Novo Testamento, e a escola de Hermógenes, dos séculos do segundo ao quinto, que pode preservar tradições mais antigas. É a segunda destas vertentes que chamou a atenção dos biblistas, pois a **ergasia** é muito adequada ao tipo de trabalho que os biblistas costumam fazer, e, ao que parece, resultados não faltam. Mas a primeira vertente, o de Teão e de Quintilião, foi menos explorada. Lá também, um aspecto literário já fez a sua contribuição; trata-se da existência de um exercício de enxugamento de créias. Este fato enfraquece um dos pressupostos da crítica das formas, que os textos nos evangelhos mudam somente a partir de acréscimos, permitindo um tipo de "arqueologia literária". Robbins tratou disto em uma maneira que deve sepultar de uma vez tal "arqueologia literária" (ROBBINS 1989a). As questões menos literárias receberam menos atenção.

2. Ainda dentro do âmbito literário, a **créia apofântica** recebeu pouca atenção até agora. Trata-se de uma citação do tipo “Fulano costumava dizer...” (TEÃO apud HOCK e O’NEILL 1986:84 l. 36-45. Talvez seja simples demais para merecer a atenção, mas os ditos de Jesus em Fonte Q, às vezes, se assemelham com a créia apofântica. Existe uma proposta de John S. Kloppenborg, que Fonte que é, mesmo, uma coleção de créias (também chamada créia!) (KLOPPENBORG 1987:298-316; discutido em WOODRUFF 2002: 50), que fica mais persuasiva quanto a créia apofântica está levada em consideração.

3. A questão não literária, com que nós biblistas temos menos preparo para lidar, mas que não deixa de ser importante para nós, é: **onde estavam estas escolas e quem as freqüentava?** Respondendo a esta pergunta, seríamos mais próximos às origens da literatura dos evangelhos. O pessoal da baixa burocracia, produtora dos papiros de Egito, passaria por uma escola que usa os exercícios de Teão? E a baixa burocracia de Herodes Antipas? E, entre esta baixa burocracia, o “coletor de impostos” ou **telones** de Cafarnaum? Sendo a créia uma forma eminentemente oral, ela entraria (transposto para a Língua aramaica) na assembléia (**synagogé**) de um povoado tal como Cafarnaum? Esta escola não seria o lugar onde galileus ouviriam, pela primeira vez, algo sobre os filósofos e outros heróis dos gregos? É possível seguir esta pista um pouquinho (WOODRUFF 2002:48-49), mas o resultado não passa de uma proposta plausível. Novas pistas seriam muito bem-vindas.

Enquanto isso, um estudo tão extensivo e abrangente como o de Hezser conclui que o lugar vivencial (o **Sitz im Leben** da crítica das formas) da créia é a filosofia, apesar da existência de muitas créias com personagens principais que não são filósofos (HEZSER 1996: 436-437). A conclusão deste raciocínio só pode ser que o Jesus das créias é um mestre de sabedoria, a diferença de outras concepções de Jesus. Mas se o **Sitz im Leben** da créia é **a escola**, a escola primária da baixa burocracia, o leque de possibilidades já é maior. Qualquer pessoa que fala com pretensão de autoridade pode ser o personagem principal de uma créia. Se esta linha de especulação for vista como pelo menos plausível, a leitura “sapiencial” de Jesus não é mais inevitável, e fique em aberta uma questão que vários biblistas já tentaram fechar.



## Bibliografia

- BERGER, K. (1998). **As Formas Literárias do Novo Testamento**. São Paulo: Edições Loyola (Bíblica Loyola, 23).
- BITTENCOURT, B. P.(1965) **O Novo Testamento: cânon - língua - texto**. São Paulo: ASTE.
- BULTMANN, R. (1963) **The History of the Synoptic Tradition**. Peabody: Hendrickson.
- DIBELIUS, M. (original 1933/ edição de 1984). **La Historia de las Formas Evangélicas**. Valencia: EDICEP (Clasicos de la Ciência Bíblica, 11).
- GREENSPOON, L. (1981) The Pronouncement Story in Philo and Josephus. in: **Semeia** 20, p.73-80.
- HEZSER, C. (1996). Die Verwendung der hellenistischen Gattung Chreia im frühen Christentum und Judentum, in: **Journal for the Study of Judaism**, 27/4, p.371-440.
- HOCK, R. F. e O'NEIL, E. N. (1986). **The Chreia in Ancient Rhetoric: Volume I. The Progymnasmata**. Atlanta: Scholars Press (Texts and Translations, 27; Graeco-Roman Religion Series, 9).
- KLOPPENBORG, J. S. (1987). **The Formation of Q: Trajectories in Ancient Wisdom Collections**. Philadelphia: Fortress.
- MACK, B. L. (1989). Elaboration of the Chreia in the Hellenistic School, in: MACK, B. L. e ROBBINS, V. K. (org.). **Patterns of Persuasion in the Gospels**. Sonoma: Press, 1989, p.31-67 (Foundations & Facets).
- PORTON, G. G. (1981). The Pronouncement Story in Tannaitic Literature: A review of Bultmann's Theory, in: **Semeia** 20, p.81-99.
- ROBBINS, V. K. (1989a). Chreia & Pronouncement Story in Synoptic Studies, in: MACK, B. L. e ROBBINS, V. K. (org.). **Patterns of Persuasion in the Gospels**. Sonoma: Polebridge, p.1-29 (Foundations & Facets).
- ROBBINS, V. K. (org.) (1989b). **Ancient Quotes and Anecdotes from Crib to Crypt**. Sonoma: Polebridge (Foundations & Facets Reference Series).
- VANDERKAM, J. C. (1981). Intertestamental Pronouncement Stories, in: **Semeia** 20, p.65-72.
- WOODRUFF, A. M. (2002). A Fonte Q nas margens do mundo literário, in: **Estudos da Religião** 22, p.37-71.

<sup>1</sup> Uma reabilitação parcial da tese de Bultmann foi feita por Catherine Hezser (HEZSER 1996:376-378, contra Porton), que argumenta que a literatura rabínica contém, sim, créias, embora sejam diferentes das histórias de controvérsia nos evangelhos.

<sup>2</sup> Fonte Q é a fonte hipotética que está por trás do material que os evangelhos de Mateus e de Lucas têm em comum, mas que não aparece no evangelho de Marcos. Nos últimos anos a hipótese tomou corpo e hoje deve ser considerada uma hipótese “com perfil e endereço”, por assim dizer. Fonte Q deve ser considerado um livro e não uma tradição oral, em grego e não em aramaico, e com as suas perícopes aparecendo em uma determinada ordem que é conhecida a partir de Mateus e Lucas. Ver a bibliografia no meu artigo (WOODRUFF 2002).

<sup>3</sup> Não se pode, por completo, afastar uma dúvida sobre a autoria da peça; ver a introdução, de Mack e O’Neill, p. 158.